



**FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DO VALE DO SÃO  
LOURENÇO – EDUVALE  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**O SILÊNCIO DAS ROSAS E O DESPERTAR DA FEMINILIDADE NA  
PSICANÁLISE.**

**GEZIELY DOS SANTOS BRASILEIRO**

JACIARA-MT

2023

**GEZIELY DOS SANTOS BRASILEIRO**

**O SILÊNCIO DAS ROSAS E O DESPERTAR DA FEMINILIDADE NA  
PSICANÁLISE.**

Artigo apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço - Eduvale, como parte das exigências do Curso de Graduação em Bacharel em Psicologia, para a obtenção da nota final da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Me. Lindcélia Cristina dos Santos

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup>. Me. Dayane Aparecida do Nascimento Cardoso

JACIARA–MT

2023

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
<b>2. UMA HISTÓRIA NÃO CONTADA SOBRE AS MULHERES.....</b>	<b>5</b>
2.1 Os Mistérios de Pandora.....	5
2.2 O Silenciar das Mulheres na Humanidade.....	7
<b>3. AMOR, ÓDIO E AGRESSIVIDADE EM FACE DO FEMININO.....</b>	<b>8</b>
<b>4. O DESPERTAR DA FEMINILIDADE NA PSICANÁLISE.....</b>	<b>9</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>10</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>11</b>

## **O SILÊNCIO DAS ROSAS E O DESPERTAR DA FEMINILIDADE NA PSICANÁLISE.**

Geziely dos Santos Brasileiro<sup>1</sup>

Lindcélia Cristina dos Santos<sup>2</sup>

Dayane Aparecida do Nascimento Cardoso<sup>3</sup>

### **RESUMO**

A história das mulheres, diferente da dos homens, é composta por vozes silenciadas destinadas à escuridão, memórias fragmentadas designadas ao anonimato, mas, acima de tudo, trata-se de um resgate e luta contra o sistema patriarcal, que permaneceu no poder por muito mais tempo do que deveria. Desta forma, a presente obra possui por objetivo resgatar e investigar o enigma da feminilidade, englobando implicações teóricas e práticas dos saberes psicanalíticos emergentes. Para nortear o presente estudo, será utilizado o método bibliográfico, de cunho qualitativo, ou seja, a pesquisa será desenvolvida com base em materiais já publicados, por meio de livros, periódicos e artigos científicos que versam sobre a investigação literária das obras de autores psicanalistas, entre outros.

**PALAVRAS CHAVES:** Psicanálise, Silêncio, Feminilidade, História.

### **ABSTRACT**

The history of women, different from that of men, is made up of silenced voices destined for darkness, fragmented memories designated for anonymity, but, above all, it is a rescue and fight against the patriarchal system, which remained in power for a long time. longer than it should. In this way, the present work aims to rescue and investigate the enigma of femininity, encompassing theoretical and practical implications of emerging psychoanalytic knowledge. To guide this study, the bibliographic method will be used, of a qualitative nature, that is, the research will be developed based on already published materials, through books, periodicals and scientific articles that deal with the literary investigation of the works of psychoanalyst authors, between others.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis, Silence, Femininity, History.

---

<sup>1</sup> Geziely dos Santos Brasileiro — graduanda em Psicologia pela Faculdade Eduvale: [brasileirogeizy@gmail.com](mailto:brasileirogeizy@gmail.com)

<sup>2</sup> Lindcélia Cristina dos Santos — Professora Orientadora e Docente na Faculdade Eduvale. Psicóloga. Mestra em Psicologia pela UFMT.

<sup>3</sup> Dayane Aparecida do Nascimento Cardoso — Professora Coorientadora, Docente e Coordenadora na Faculdade Eduvale. Psicóloga. Mestra em Psicologia pela UFMT.

## **1. INTRODUÇÃO**

Sem menção, nomeação e sem escrita, a história e a vida das mulheres foram reduzidas ao esquecimento, fazendo com que o que foi vivido se tornasse obscurecido, ou até mesmo nunca ter acontecido e fragmentado por constantes esquecimentos, contudo, sendo resgatado através de sua existência e experiências (LOBO, 2022).

“A peste, a fome, a violência, a guerra encontram uma culpada: a mulher, que não atende às normas sociais naturais definidas por Deus (e pelos homens)”, sobretudo aquela em que palavras são insuficientes para decifrá-la, e ações não podem jamais controlá-las (ANCHIETA, 2014, p. 16).

Com o presente trabalho, objetiva-se realizar um resgate sobre o enigma da feminilidade ao longo da humanidade, englobando implicações teóricas e práticas dos saberes psicanalíticos emergentes.

Esta obra foi dividida em três momentos. No primeiro momento, será realizada uma investigação sobre a mulher, mediante um olhar histórico e mitológico, em sequência, buscar-se-á analisar o amor, ódio e agressividade em face do feminino, sendo por fim, analisado o despertar feminino através da psicanálise.

## **2. UMA HISTÓRIA NÃO CONTADA SOBRE AS MULHERES**

Era uma vez, em uma ilha silenciosa e deserta, conhecida por “*Terra do nunca*”, lugar onde foi enterrado todos os mistérios, segredos e memórias daquelas cujas vidas não contam muito. A verdade é que esta ilha está localizada em um oceano de vidas submersas no anonimato e no esquecimento. Aos que lá chegarem, será revelada a verdadeira história das mulheres (PERROT, 2007).

Já deu para perceber que não se trata de uma história comum, e muito menos de um conto de fadas. Nesta história há caça às bruxas, há fogueiras, mas acima de tudo existe superação e lutas contra o sistema patriarcal, que ficou muito mais tempo que deveria (LOVELACE, 2018).

### **2.1 Os Mistérios de Pandora**

Em um passado não muito distante, nasciam o que conhecemos hoje por lendas e

mitos, como mecanismos para narrar temas importantes sobre a existência de povos, culturas e civilizações (NASCIMENTO; BORGES, 2011).

A questão aqui levantada não será sobre a cientificidade dos mitos ou lendas, e sim sobre como utilizar os ensinamentos e sabedorias compartilhados, a fim de encontrar significações e verdades ocultas sobre o feminino, nas lentes do tempo e na cultura dos povos antigos (SALIS, 2018).

Na mitologia, a figura feminina possuía representantes como deusas, ninfas e meras mortais, entretanto, as construções simbólicas e identificatórias destas não eram muito agradáveis, pois, apesar dos poderes e habilidades, ainda careciam de virtudes, sendo inclusive retratadas em alguns contos como ciumentas, ingênuas, curiosas, carentes ou enlouquecidas por desamor e abandono (ROBLES, 2019).

Não é à toa que Pandora foi a mulher mais injustiçada na história mitológica, visto que, através de sua imensa curiosidade, abriu a caixa proibida recebida como presente dos deuses, liberando todos os sofrimentos, males e infelicidade sobre a humanidade (CAMINHA, 2007).

Paralelo a isso, Eva, a primeira mulher a andar sobre a terra, até hoje é demonizada pela religião judaico-cristã por alimentar-se do fruto proibido que trazia o conhecimento sobre o bem e o mal. Como consequência de seu pecado, tanto ela, quanto seu esposo Adão, que também apreciou o fruto, foram expulsos do paraíso (LARAIA, 1997).

A verossimilhança entre os dois pensamentos são gritantes, o que os difere é apenas a cultura e processo de criação entre os personagens, entretanto, em ambas histórias, a mulher torna-se, “uma ameaça cuja dominação ao homem escapa” (SILVA; ANDRADE, 2009, p. 338).

No imaginário grego, Medusa, a mais bela entre três irmãs, embora tenha feito voto de castidade, foi abusada sexualmente por Poseidon (deus dos mares), infelizmente além de ter seus direitos violados, recebeu de sua entidade sagrada uma punição injusta e muito hostil, sendo condenada a ter seus lindos e longos cabelos transformados em serpentes e seu olhar hipnotizante e sedutor passou a petrificar aqueles que o admirassem, mais tarde, em isolamento, foi assassinada por motivos fúteis por Perseu, um semideus (HILGERT, 2020).

Significa dizer que Medusa tornou-se “uma vítima, no mínimo, triplamente supliciada: pela violação do deus Poseidon, pelo injusto castigo imputado por Atena e pelo assassinato cometido por Perseu por motivos fúteis e ignóbeis” (HILGERT, 2020, p. 47).

A figura feminina, ao longo dos séculos e cultura, continua sendo oprimida e silenciada. Assim como nos contos e mitos, o homem tenta, com todas as forças, “liquidar,

sublimar, transferir complexos, falando das mulheres, seduzindo-as, temendo-as! Libertá-lo-iam, libertando-as. Mas é precisamente o que receia. Obstina-se nas mistificações destinadas a manter a mulher acorrentada” (BEAUVOIR, 1967, p. 489).

Atualmente, milhares de mulheres ao redor do mundo continuam tendo seus direitos violados e são, constantemente, alvo de atrocidades tais como: assédio, abusos sexuais, estupro, agressões, torturas físicas e psicológicas, muitas vezes justificadas pelo uso da “defesa da honra” como desculpa para culminação do cruel desfecho do crime em face do feminino (CARMO; FERREIRA JR, 2023).

## **2.2 O Silenciar das Mulheres na Humanidade**

Em termos pré-históricos, o homem, dotado de virilidade devido sua estrutura física avantajada, era responsável por sustentar sua prole através da caça e do plantio, enquanto isso, as mulheres eram restritas ao lar e na criação dos filhos (SOUZA *et al.*, 2020).

Tempos após, com a ascensão da escrita na Idade Antiga, o homem passou a aperfeiçoar-se neste novo campo do saber e, através das entrelinhas dos registros da época, houveram indícios claros da autoridade masculina em face à submissão e fragilidade feminina (BORGUEZAN, 2015).

No período que compreende a Idade Média e o Renascimento, as mulheres, instruídas pela moral e valores cristãos, passaram a desempenhar discreta participação no meio social, que ia desde a execução de partos até confecção de medicações à base de ervas (LIMA, 2010)

Ao longo desta era o crescimento da religião cristã foi iminente, levando ao apogeu a discriminação de gênero, em que qualquer sinal de independência e autonomia feminina era visto como símbolo de ameaça, personificação do mal e prática de feitiçaria, iniciando, assim, um longo período de “*caça às bruxas*”, onde milhares de mulheres foram presas, condenadas e queimadas vivas nas fogueiras por *líderes da inquisição* (FEDERICI, 2019).

Com o advento da Revolução Industrial (*Era Moderna*), demarca-se a atuação feminina no mercado de trabalho. Nesta época as operárias eram tidas como manipuláveis, dóceis e submissas aos empregadores (PERROT, 2005).

Como resultado, a mão de obra das operárias foi acompanhada de salários irrisórios, excesso na jornada de trabalho e ambiente insalubre, levando-as a participarem de reivindicações em busca de melhores condições no ambiente de trabalho (RODRIGUES *et al.*, 2015).

Através das lutas por emancipação e melhorias no mercado de trabalho, no dia 08 de março de 1817, cerca de 90 mil operárias foram trancadas e carbonizadas no interior de uma fábrica em Nova York, o que levou a Organização das Nações Unidas (ONU), décadas após, a decretar o dia 08 de março como “Dia internacional da mulher” em virtude do falecimento dessas operárias inocentes (CHAGAS; CHAGAS, 2017)

Assim, verifica-se então que, desde as primeiras civilizações humanas, há históricos de violências e maus tratos exercidos sobre indivíduos vulneráveis. Além disso, a mulher, pela sua condição desigual em relação ao homem, por muitos anos viveu sob a sua tutela, em primeira instância, do pai e, em segunda, do marido, com sua sexualidade normatizada pelos padrões cristãos, legitimada pela instituição do casamento e pelo cumprimento da função reprodutora (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011).

### **3. AMOR, ÓDIO E AGRESSIVIDADE EM FACE DO FEMININO**

O amor é um sentimento descrito de diversas maneiras, sentidos e expressões e está comumente associado a uma busca por plenitude, felicidade e realização (NOGUERA, 2020).

Em termos ocidentais, os discursos que acompanham a palavra amor, transitam entre duas instâncias, sendo elas: amar plenamente ou sofrer amargamente (FERREIRA, 2004).

Nos filmes, livros, poemas e músicas o amor é acompanhado por uma narrativa de sofrimento e sacrifício, chegando ao ápice do amor eterno, através dos felizes para sempre ou com a morte da pessoa amada (SILVA, 2019).

Tudo soa muito simples e óbvio, entretanto, como bem dizia Freud (2020), é dado aos poetas a compreensão mais bela sobre amar e ser amado, devendo a ciência ocupar-se das observações rigorosas que versem sobre a constituição do amor na vida do sujeito.

Talvez, inicialmente, soe um pouco confusa a ambivalência existente entre o amor e ódio, mas é interessante notar que ambas surgem a partir das interações que a pessoa humana estabelece com o mundo e com o ambiente conhecido nas primeiras etapas de sua existência, tornando-se, estes, aliados no processo de individuação e na constituição da personalidade do sujeito (CASTRO, 2020).

Ambos sentimentos são estruturados por intermédio do movimento de dependência direta nutrida entre a criança e sua mãe/cuidador (BENHAÏM, 2007).

Esta fusão permite que o bebê atinja um estágio de indiferenciação, dando início à organização de seu aparelho psíquico (THEISEN, 2014).



Assim, o mundo do bebê pode ser criado e reinventado à medida que a criança vai descobrindo e construindo sua identidade, através do prazer ou desprazer (DORIA, 2023).

Logo, amor e ódio tornam-se elementos fundamentais no processo de constituição da personalidade humana, através dos quais são delineadas as interações com o meio e com os indivíduos ao longo de uma vida (WINNICOTT, 1987).

De todas as tendências humanas, as raízes da agressividade transitam entre dois extremos, seja no amar ou no odiar sempre haverá uma pitada de agressividade e ferocidade (PORTELA, 2008).

Logo, a agressividade surge como um “sintoma incômodo”, visto que, além de desafiar os outros, tem suas raízes mais profundas no “sentimento de rejeição”, onde o indivíduo que agride, busca, através de suas ações, visibilidade e principalmente compreensão (PIETRO; JAEGER, 2008, p. 233).

O curioso é que a agressividade é expressa e ramificada em dois sentimentos primários, que podem ser tanto uma resposta à frustração, quanto uma fonte de energia e motivação, visto que, em seu âmago, origina-se a criatividade e espontaneidade, levando o indivíduo a uma reconfiguração sobre o mundo real e externo (WINNICOTT, 1987).

Quando a agressividade primária reverbera no mundo adulto como expressão de violência e com reação destrutiva em face do feminino, logo deixa de ser uma expressão de criatividade e torna-se patológica (DIAS, 2000).

Além disso, a agressividade, quando patológica, surge como um sintoma movido por desprezo, ódio, prazer ou sentimento de posse sob a mulher, expressando-se como afirmação máxima do poderio masculino sob o feminino, igualando a mulher a um objeto, assumindo, o agressor, controle, tanto da vida quanto da morte de suas vítimas (SOARES; CHARLES; CERQUEIRA, 2019).

Paralelo a isso, ainda há um considerável número de mulheres que, inconscientemente, vão de encontro a indivíduos agressivos, entretanto o desfecho deste encontro não é nada agradável, podendo, inclusive, custar suas vidas (VASCONCELOS; HOLANDA; ALBUQUERQUE, 2016).

#### **4. O DESPERTAR DA FEMINILIDADE NA PSICANÁLISE**

A mulher, desde os tempos mais remotos, ocupa um espaço de mãe, esposa e filha de alguém, onde, na maioria das vezes, sai da posição de protagonista de sua história de vida,

tornando-se coadjuvante daqueles que a rodeiam (SANTANA, 2016).

O silêncio, por muito tempo, foi um aliado em comum das mulheres, demonstrando concretamente as diversas injustiças e atrocidades praticadas em virtude de sua *fragilidade, inferioridade e submissão* (PERROT, 2005).

Infelizmente, ao longo dos anos, muitas mulheres acreditaram que sua exposição poderia ser uma ofensa à ordem social, julgando ser preferível apagar seus traços e passos pelo mundo (PERROT, 2005).

Falar sobre o enigma da feminilidade não é uma tarefa fácil, justamente pela complexidade e significações imprecisas, entretanto, Freud foi o pioneiro a buscar compreender e possibilitar às mulheres um espaço de fala, englobando uma escuta sensível e especializada aos sofrimentos destas (CASTELO FILHO, 2018).

A compreensão, de fato, sobre tornar-se mulher é delineada por um atravessamento social, ideológico e cultural, devendo a psicanálise compreender a mulher por um olhar não de falta, mas sim com seus próprios padrões e características individualizadas (CASTELO FILHO, 2018).

No olhar Winnicottiano, a feminilidade passa a ser pensada para além da oposição ao sexo oposto, sendo construída a partir da compreensão do papel da mulher em sociedade. Assim, a inveja do pênis e o complexo Édipo, são compreendidos apenas como uma experiência de uma fase do desenvolvimento infantil (GOMES, 2010).

Seguindo esta ideia, Winnicott (2021), elucida que, por trás de cada mulher, há sempre três outras figuras, são elas a menina-bebê, a mãe e finalmente a mãe da mãe, significando dizer que se tornar mulher está atrelado à integração psíquica e somática do amadurecimento humano e, a partir desta dinâmica, verifica-se que tanto mulheres, quanto homens em algum momento dependeu de uma mulher.

Logo, o despertar da feminilidade, na psicanálise, floresce em um caminhar singular e subjetivo, constituído a partir das experiências primárias e vivências inconscientes (FURTADO, 2009).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo desta empreitada investigativa que versa acerca do resgate do enigma da feminilidade, ao longo da humanidade; englobando implicações teóricas e práticas dos saberes psicanalíticos emergentes, algumas respostas foram desveladas.

Histórica, e mitologicamente, a vida das mulheres foi destinada ao esquecimento e anonimato e, apesar das lutas por emancipação e igualdade, ainda hoje as mulheres ainda são enxergadas em segundo plano.

Paralelo a isso, embora a figura feminina, de fato, tenha seus direitos e garantias resguardadas, ainda existe uma minoria que continua aprisionada patologicamente por indivíduos agressivos que, ao mesmo tempo que dizem amá-la, odeiam-na.

Neste sentido, desvendar enigma da feminilidade não é uma tarefa fácil, justamente pela complexidade e significações imprecisas, porém, em termos psicanalíticos, a feminilidade passa a ser pensada para além da oposição ao sexo oposto, sendo construída a partir da compreensão do papel da mulher em sociedade.

## REFERÊNCIAS

ANCHIETA, Isabelle de Melo. **Imagens da mulher no ocidente moderno**. 2014. PhD Thesis. Universidade de São Paulo.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. A experiência vivida. 2. ed. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BENHAÏM, Michèle. **Amor e ódio: a ambivalência da mãe**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007.

BORGUEZAN, Danielly. **Possibilidades e limites de emancipação feminina a partir das análises das dissoluções familiares em santa catarina no período de 1980 e 2010**. 2015.

CAMINHA, Carla. Um novo olhar sobre a condição feminina no catolicismo. **Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p.62-74, 15 jul. 2007.

CARMO, Renata A.; FERREIRA JR, Antônio Gonçalves. Compreender a Psicodinâmica Do Femicídio Sob a Perspectiva da Psicanálise. **Iniciação Científica**, 2023.

CASTRO, Maria Josivalda **Pereira de**. **Amor e Ódio na Constituição do Sujeito Humano. Refletindo a Psicanálise**. 2020

CHAGAS, Leticia; CHAGAS, Arnaldo Toni. A posição da mulher em diferentes épocas e a herança social do machismo no Brasil. **Psicologia. pt-o portal dos psicólogos**, p. 1-8, 2017.

DIAS, Elsa Oliveira. **Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento**. Natureza humana, 2000, 2.1: 9-48.

DORIA, Juliana Robinson. **A dialética do amor e do ódio: seu papel na constituição psíquica**. 2023.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**. Boitempo Editorial. 2019.

FERREIRA, Nadiá Paulo. **A Teoria do Amor: na psicanálise**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.

CASTELO FILHO, Claudio. **Sobre o feminino: reflexões psicanalíticas**. Editora Blucher, 2021.

FREUD, S. Rascunho D. **Sobre um tipo particular de escolha de objeto nos homens (1910)**. Amor, sexualidade e feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, 121-132.

FURTADO, Maria Sílvia Antunes. **Os Caminhos da feminilidade em preciosidade, de Clarice Lispector**. *Revista Mal-estar E Subjetividade*, 2009, 9.3: 983-1004.

GOMES, Kátia Pavani da Silva. **A constituição da feminilidade na psicanálise winnicottiana**. 2010.

HILGERT, Luiza Helena. O arcaico do contemporâneo: Medusa e o mito da mulher. [TESTE] *Lampião-Revista de Filosofia*, 2020.

LARAIA, Roque de Barros. Jardim do Éden revisitado. *Revista de Antropologia*, 1997, 40: 149-164.

LIMA, Rita de Lourdes de. **O imaginário judaico-cristão e a submissão das mulheres**. 2010.

LOBO, Silvia. **O Silêncio das mulheres e outros mais**. 1.º, Ed. — São Paulo: Leader, 2022

LOVELACE, Amanda. **A bruxa não vai para a fogueira neste livro**. Leya, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros**. Editora Fiocruz, 2011.

NASCIMENTO, Cristhianne Lopes; BORGES, Darlene Limongi. A sabedoria dos mitos gregos. *Revista Angelus Novus*, 2011, 194-199.

NOGUERA, Renato. **Por que amamos: O que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor**. HARLEQUIN, 2020.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. 2005. p. 519-519.

\_\_\_\_\_, Michelle. **Minha história das mulheres**. Contexto, 2007.

PIETRO, Patrícia Pereira; JAEGER, Fernanda Pires. **Agressividade na infância: análise psicanalítica**. *Visão global*, 2008, 11.2: 217-238.

PORTELA, Márcia Mendes. **Qualquer fisga entre amor e ódio: uma leitura da agressividade em Winnicott**. 2008.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos.** Editora Aleph, 2019.

RODRIGUES, Maria Elizabeth; NASCIMENTO, Geraldo Barbosa do; NONATO, Eunice Maria Nazarethe. A dominação masculina e a violência simbólica contra a mulher no discurso religioso. **identidade!**, v. 20, n. 1, p. 78-97, 2015.

SALIS, Viktor D. **Mitologia viva: aprendendo com os deuses a arte de viver e amar.** Editora Nova Alexandria, 2018.

SANTANA, Lélia Maria Sampaio. **Vidas caladas: a voz feminina em Graciliano Ramos.** 2016.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da; ANDRADE, Marta Mega de. Mito e gênero: Pandora e Eva em perspectiva histórica comparada. **cadernos pagu**, 2009, 313-342.

SILVA, Gracieli de Jesus. **Flores no inferno: para a construção de uma narrativa cênica a partir de histórias de mulheres que vivenciaram um relacionamento abusivo.** 2019. PhD Thesis.

SOARES, Danúbia Zanotelli; CHARLES, C.; CERQUEIRA, CCAX. Feminicídio no Brasil: gênero de quem mata e quem morre. **XIII Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia**, 2019.

SOUZA, Jaciara Pinheiro de et al. Aspectos históricos da figura masculina: Violência contra a mulher. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, p. e97691110787-e97691110787, 2020.

THEISEN, Ana Paula. **A função materna na constituição psíquica.** 2014.

WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência.** 1987. p. 290-290.

\_\_\_\_\_, Donald Woods. **Tudo começa em casa. In: Este feminismo (1964)** Ubu Editora, 2021.